COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'O Livro das Horas', de Nélida Piñon]

M. Carmen Villarino Pardo

Para citar este documento / To cite this document:

M. Carmen Villarino Pardo, "[Recensão crítica a 'O Livro das Horas', de Nélida Piñon]", *Colóquio/Letras*, n.º 183, Maio 2013, p. 286-287.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

FICÇÃO

Nélida Piñon
O LIVRO DAS HORAS
Rio de Janeiro, Record / 2012

Com a última obra publicada, o *Livro das Horas*, Nélida Piñon recuperou um hábito que tinha perdido há muitos anos: uma noite de autógrafos no Rio de Janeiro, a que assistiram várias centenas de pessoas. A editora Record homenageou a autora carioca no ano em que comemorou o seu 75.º aniversário.

A marca da autora é visível num novo título denso e sugestivo (com a dilatada tradição dos Livros de Horas medievais como pano de fundo); uma escolha que costuma ser acertada para quem já tem uma trajetória literária que ultrapassa o meio século. A capa e a contracapa do livro, com poderosa fotografia das linhas de vida das palmas das mãos, também trazem ecos de outras, dos seus primeiros livros, em que o impacto visual também era forte. São um espelho da passagem do tempo — *em horas*, em anos e, diríamos, *em pessoas* —, muito presente no livro. O prólogo do académico e amigo Eduardo Portella utiliza uma metáfora que o refere, «O relógio do tempo», para apresentar e explicar a obra. E esta, logo no início, situa o momento vital da autora: «Mas quem seja eu hoje, não pude combater as rugas, o declínio para lhe fazer a vontade. Levo no rosto uma história curtida e que me ajuda a envelhecer. Não vivi sem resultados, minha vida não foi inóspita» (p. 11).

A mulher que é hoje não coincide com o retrato da jovem que sua mãe, Carmen Cuiñas, quis imortalizar, na parede e na memória. É, no entanto, a *imortal* que sua mãe viu entrar na Academia Brasileira de Letras e presidir no ano do centenário da instituição, com discursos que, como comenta, não eram uma das suas habilidades (p. 123). Precisamente, no ano de ingresso na Academia declarou sentir-se «brasileira recente» e, agora, contradiz a afirmação: «Há muito sinto-me antiga no Brasil. Roubei da história pátria os episódios que me faltavam, e sobra-me agora autoridade para crer em uma nação que reparta benesses» (p. 137).

A presença familiar e os fios da memória (de que se considera «escrava» e «presa fácil», p. 151 e 172) são uma constante ao longo das 207 páginas — como também a sua necessidade de comida, no sentido físico e metafórico —, em que se misturam mais elementos repertoriais que integram boa parte da sua obra («Suspeito que até o último suspiro sofrerei os efeitos da imigração. De nada serve que me peçam para renunciar ao tema que julgo relevante na minha bagagem narrativa», p. 195). Se a mãe é uma presença circular, a dedicatória do *Livro das Horas*, «Em memória do meu pai, Lino Piñon Muiños, galante e misterioso», é a primeira que lhe oferece. Não é que a sua referência não seja habitual; é como se a sombra de quem faleceu, sendo ela ainda muito jovem, aparecesse agora de modo mais marcante na maturidade da autora.

Para quem escreveu romances, livros de contos, novela e outros livros de classificação mais difícil, que incluem discursos, crónicas e fragmentos, esta é uma obra de continuidade em relação a vários deles, como o leitor pode verificar. A relação mais visível é com *Coração Andarilho. Memórias*, mas é relativamente fácil encontrar também ecos (diretos ou indiretos) e referências a outros títulos seus, como *A Casa da Paixão* (p. 145), *A Doce Canção de Caetana* (p. 170), *Vozes do Deserto* (p. 178) e *Aprendiz de Homero*, que cita como um exemplo de que «certos livros resumem quem posso ser ao criar» (p. 119). É consciente de que há certas 'obsessões' que a acompanham nos textos, e aceita deter-

minadas críticas («Acusam-me de citar os gregos clássicos com excessiva frequência. A acusação procede», p. 172).

O texto traz os *palpites da escrita e da música* com as contínuas referências a escritores (Shakespeare, Baudelaire, Cervantes, Montaigne...) e músicos (Wagner, Mozart, Schubert...) da tradição ocidental, que fazem parte do seu elevado capital cultural e do seu *habitus*. Entre eles, sobressaem as sombras alargadas de Machado de Assis (em numerosas páginas) e de Heitor Villa-Lobos. Diferente é o caso de autores brasileiros com quem partilhou, durante anos, ofício e amizade e de que se aproxima com respeito, afeto e cultivada discrição: «Clarice, Jorge e Zélia, Afrânio, Rawet, Osman, Scliar e outros» (p. 158). A Clarice Lispector uniu-a a amizade e a intimidade que foram visíveis durante anos e que vários textos deste livro refletem.

Ao longo destas páginas encontramos aquilo que poderíamos chamar de «observatório Nélida Piñon». São frequentes os textos que parecem extraídos de um diário com muitas histórias de viagens (interiores e exteriores), onde aparece a atualidade dos jornais que lê diariamente (em versão impressa ou digital), a dos amigos que frequentam sua casa e compartem a sua vida ('a pequena tribo', já com perdas vitais importantes), a dos programas musicais em Bayreuth e Salzburg, a das vivências de Nova Iorque, Gravetinho — «Eu não estava preparada para esse amor», como lembra Guiomar de Grammont nas orelhas do livro —, ou episódios do passado, como as referências — pela primeira vez — ao processo coletivo do «Manifesto dos Mil» para pedir o fim da censura em 1977. *Um livro que fala das horas, de hoje e de ontem*.

É um livro de forte presença do eu e do seu universo. Além de muitas outras referências, são numerosos os textos deste livro que começam com afirmações relativas à mulher, escritora, brasileira de ascendência galega, que fala: «Orgulho-me de um ofício que fixa no papel as emoções propensas a se perderem» (p. 69), «Converso com Deus em português» (p. 73), «Sou aventureira» (p. 98), «Faço anotações» (p. 99), «Amei a capelinha de Borela» (110), «Tenho sede e fome» (p. 125), «Sou um ser dramático» (p. 148), «Celebro o imaginário oriundo de todas as partes» (p. 149), «Fabulo a qualquer pretexto» (p. 156), «Vivo em estado de expectativa» (p. 157), etc. As diferentes facetas que atende (p. 17) são acompanhadas de perto na leitura destas páginas: do prazer por viver no lar que a protege na Lagoa do Rio de Janeiro, às horas e anos que dedica ao ofício que escolheu — o de escritora (escriba) — desvendando aspectos do processo de escrita e de criação artística e mostrando queixas amargas sobre a visão dos críticos em relação à sua obra («Querem à força afugentar o leitor que se aventure a me ler. Esgrimindo uma estética rústica contra mim, solapam meus livros», p. 45 e 149).

Sem uma estrutura definida, os textos recolhidos neste *livro de pensamento* aparecem organizados de modo que os assuntos fluem sem muitas interferências, exceto talvez aquelas páginas em que lembra as vivências em Nova Iorque (p. 142 e 150).

A autora deste *Livro das Horas* mostra ser uma boa observadora da condição humana e uma pessoa com intensas experiências de vida, consciente do processo de envelhecimento em termos biográficos, mas também da maturidade que, como escritora, atinge no momento atual e de que esta obra dá provas.

M. Carmen Villarino Pardo